

estória de amor

*Love is just a lie
Happens all the time
Swear I know this much is true
(The Magic Numbers – Love Is a Game)*

Era como se o mundo fosse muito maior do que a cidade e nós estivéssemos dormindo.

A mão dela fez de fora despencar a maçaneta na claridade da sala. Recolhi quase junto ao fundo do cinzeiro o cigarro recém-tragado esfumaçando a janela de vidro que dava à rua de mão única; ao outro lado um fícus estático desenhava a escuridão: temi olhá-la.

“Não precisa apagar” (encostou-se com as saias abertas no rodapé à esquina do cômodo)

“Você não demora”

“Quando a gente chegou nesse ponto?”.

“Não sei” (pausa pra outra tragada, finalmente após esta apagarei o cigarro) “Eu queria me desculpar mas não sei o que fiz”.

“A gente esquece então?”.

“E se nós lembrarmos depois?”.

01 – Domingo, o dia se passa na modorra de um céu azul crasso. Caminho pelo calçado irregular que circunda a praça, o calor afogueando o vão dos dedos nos chinelos. É dia de jogo, braços em discussão decoram o bar da Ilha. Peço um maço de cigarros e um dropes garoto, um refrigerante: o garoto-atendente demora entre cascos de cerveja e guaraná tamanho família. Ando me esgueirando pelo corrimão de concreto da ponte, as águas pardas do Paraíba morrendo abaixo. Subo a ladeira de paralelos movediços ao lado da pequena praça na entrada do bairro e espero impacientemente vinte trinta minutos pelo ônibus num dia nulo. Acomodo-me no carro empoeirado que me leva ao centro da cidade, ainda não sei porque desço antes, talvez pelo tempo

da espera se tornar mais curto com os passos até o calçadão do Porto Velho. Encontro-a duas, três horas depois num bar frente à lateral do palco que montaram para o Carnaval anterior ao próprio e já estou tonto das cervejas em companhias ermas quando a vejo beijaflorando entre marchinhas, rodeada de amigas.

02 – “Isso é pra você”.

Nada mais falo. Descubro que ele não gostou da blusa quando no azul dos olhos o vermelho encarnado reflete monótono. Um sorriso leve e amarelo povoa o banco do motorista e ele agradece mesmo assim. Mesmo assim. Acaricia com a ponta dos dedos em felicidade epidérmica minha nuca e os cabelos miúdos que deságuam do rabo de cavalo em meu pescoço. Sem dizer nada gira a chave na ignição.

- Vou fazer uma cópia.

Eu disse num tom prontamente aceitável, mas a voz ao fazer a curva pelo corredor que levava a sala à cozinha, chegou ao seu ouvido embaralhando as sílabas, imbricada. Conseguia, no entanto, ouvir os barulhos vindos do outro cômodo habitado, um pacote sendo aberto, o sussurro da chaleira ao fogo.

- Oi?!

Ele gritou mais do que o necessário para ser ouvido, um “oi” mais para “ahn”, “hein”, desmantelado, indiferente.

- Seus textos. Vou fazer uma cópia!

- Estão no quarto!

Uma frase inteira, com sentido compreensível. Alta. Ainda assim indiferente.

Era o dia da viagem, três dias apenas. Ele me pedira para ficar na casa cuidando das coisas. Cuidando das coisas. Que coisas? Talvez as minhas que já abraçavam certo espaço pelos pequenos cômodos: uma escova de dente, chinelos, uma xícara específica para o desjejum. Ainda lembro o dia em que ganhei certo direito a abrigar-me.

Foi num sorriso que ele adentrou ao escritório com as mãos para trás, e no mesmo que percebi não se tratar de um par de brincos: ele desenha indubitáveis e mínimas rugas à altura do rosto por qualquer força: - Parabéns!: - Não é meu aniversário.: - Mas você acaba de ganhar uma gaveta!: Rimos os dois, puros, era um dos muitos passos a serem conquistados. Iniciei o galgar degraus pela organização das roupas, no alinhamento da escova de dente pela bancada da pia, nos objetos displicentemente deixados pela casa ao alcance dos olhos, coisas quaisquer que o fizessem lembrança e carinho. Porém nada. As evoluções abandonaram-me logo no início. Futuramente dois três meses e a mesma rotina. Chegava do trabalho o esperava por minutos, horas talvez, deitada na cama folheando os livros que arriavam as prateleiras do guarda-roupas.

- Eu preciso de mais espaço aqui.

- Uma gaveta?

- Uma gaveta ta bom. Pra colocar meus brincos e a maquiagem, não deixar nada espalhado por aí.

Um dia encontrei os textos, um maço de folhas A4 ao lado dos livros. Provável que estivesse só, ele em viagem talvez. Tentei decifrar os garranchos que costuravam o papel, algumas palavras sublinhadas, o fim do texto em cor distinta; um conto inacabado, as lembranças de um homem, uma mulher ausente: achei ruim, preferível folhear os livros. Era início da noite

quando resolvi sair, andar. Alinhei os papéis batendo-os na escrivaninha, guardei-os na gaveta destinada a mim. A casa tornava-se insossa sem ele. Com ele, talvez o mesmo. E mesmo com minha presença as paredes não se aproximavam da diferença, quem sabe trocar a mobília para que ressurgíssemos menos incômodos.

03 – “Não, não era isso que eu queria dizer, era outra coisa”.

“A gente tropeça mesmo nas palavras quando quer dizer alguma coisa”

“É, acho que sim”.

“Então diz”

“Bem, espera: agora eu sei como dizer”.

“Quer casar comigo, é isso?”.

“Não, ainda não”.

04 – A chuva fez poças por minha rua inteira, mas ao choque do sol os paralelos ainda molhados desenham arco-íris mínimos perfeitos. Espero, e por esta formulo minhas impressões. Ninguém minimamente comum fica sentado na guia com os olhos plantados no chão a caçar formas. Lembro-me de menina ficar frente ao paredão da Rede desenhando monstros nos negrumes das infiltrações. Nada além disso. Antes menina. E quanto mais seus passos não me encontrem a quinze minutos depois do tempo marcado, resultarei ao inverso lembrando-me de quando os pés e olhos brilhavam por aí.

Rememoro os casos antes de chegar a tê-la em minha frente, enumero os que me lembro, mas nada me leva a realizar qualquer idéia, seja tristeza ou felicidade.

05-

Vesti meu melhor terno e a

encontrei com uma rosa
murcha, fruto de um ibisco,
na lapela, um chapéu Panamá
um tanto atabalhado e
sapatos bicolores que me
deixavam tolo e mal cuidado
no andar: perfume barato e
barba mal feita não toleram o
cheiro fúnebre que me abraça
o cigarro de filtro amarelo.

Jambeiros sombreiam as
entradas da praça dilacerada
por gentes enfurecidas em
discussões e carícias e
garrafas de vidro nos tampos
dos carros estacionados em
diagonal e reparados pela
calçada. Ao fundo a linha
férrea dormita esperando o
próximo e incômodo trem a
interromper o trânsito e as
conversas por minutos
contados entre vagões. Acima
o clube já espoca as primeiras
luzes e sons da festa a seguir e
suas escadas consternadas

aguardam o desfiladeiro de saltos e solas a subir e descer: trôpegos ou não.

Um vestido curto: branco – espero que goste da pluma das asas, por que não da auréola? Lhe incomodará as coxas à mostra, os ombros? Quase nada em maquiagem e perfume só por trás da orelha.

06- A pele tem todas as tonalidades que o moreno pode obter. Talvez tenha tomado sol durante a última viagem, mas não sei se ela foi à praia ou a serra, às compras ou a trabalho. Os lábios ainda se fecham mesmo antes de completarmos o beijo – e isso me irritaria se não fosse ontem (lembranças fazem parte de um agudo imaginário onde não se distingue mais o que realmente é ruim).

Dormíamos juntos. Entrelaçados, o mundo parecia estar reduzido aos corpos em sono.

07- - Biscoito?

Não pensei que chegasse assim, qualquer fosse esse alguém, ainda mais um sujeito longilíneo, caminhando esquálido pelos outros que se encrostavam frente ao palco da Ilha, Agosto gélido.

- É chocolate.

Via, mas a observação idiota me fez sorrir entre dentes. Ora, um sujeito magro com as calças muito mais largas que as pernas, o cabelo partido ao meio, os óculos grandes demais para o nariz fino escondiam miúdos por trás os olhos azuis.

- Seu dente vai ficar sujo,

Ria de novo, ria, mas de raiva, dessas que se sente em ponta e que a extremidade é abrigada em si com certa intimidade anímica, alegria. Os olhos descortinavam-me o rosto.

- refrigerante?

08- A água que desce corrente ainda não me pertence, não sou sujeito a percorrer piscinas ou cachoeiras nos fins-de-semana, prostrar-me sem camisa a torrar num sol sem cor aparente. “Não vai entrar não”: ela ergue conchas d’água com as mãos a banhar as coxas, estão vermelhas, mas uma cor encarnada, próxima à possibilidade da pele morena; pergunta e sorri ao mesmo tempo, os cabelos já molhados num rabo de cavalo: “Não”: jamais a mim a água revelará posse, pequeno entre árvores e terra sob o céu de nulas nuvens; recolho-me a uma pedra e tenciono acender um cigarro: não me combina a natureza (ela namora a água desde os pés que se enroscam, passando pelas coxas, cobrindo-se no enlevo dos seios).

Posso pedir-lhe desculpas ou que esqueçamos tudo. Melhor. Duvido que nos lembraremos. Mas ao chegar: ao chegar, nem as sextas feiras têm mais o mesmo cheiro, aquele estranho movimento de se alçar vôo ao banho, trocar as roupas e sair de casa: Domingo.

09- Incrível como depois de algum tempo as vezes e encontros são ignorados pela memória, talvez a primeira se faça presente por lógica de importância, mas em geral, as lembranças se

esquivam dos fatos. Caminhamos horas nesse dia, uma chuva miúda salpicava-nos os corpos, dedos entrelaçados. Devia ser Fevereiro, ou meados, um dos pré-carnavais organizados nas praças domingos antes do verdadeiro feriado já se encerrara. Andamos por quase toda a extensão da cidade, o que, por esta ser pequena, não é nenhum absurdo, nem agradável recordação pelas paisagens se repetirem: uma praça, outra, casas baixas, a linha férrea e os paralelos, poucas árvores, e, por sorte neste dia, pouco calor: era madrugada, e enquanto as ruas e praças sem gente nos bancos dormitava, nós permanecíamos claros, lado a lado.

10-

Um beijo: era já hora, mas o tempo transpirava minutos ínfimos em sonolenta eternidade. O salão estava cheio, luzes espocavam diabos e batmans, oficiais do exército e enfermeiras, latas de cerveja e guimbas de cigarro, conversas entrecortadas pelo paredão de caixas de som no palco ao fundo. A parca iluminação tende a minar a existência dos candelabros agarrados ao teto: descrições extremas às três e meia quase quatro da manhã potencializam a urgência da hora.

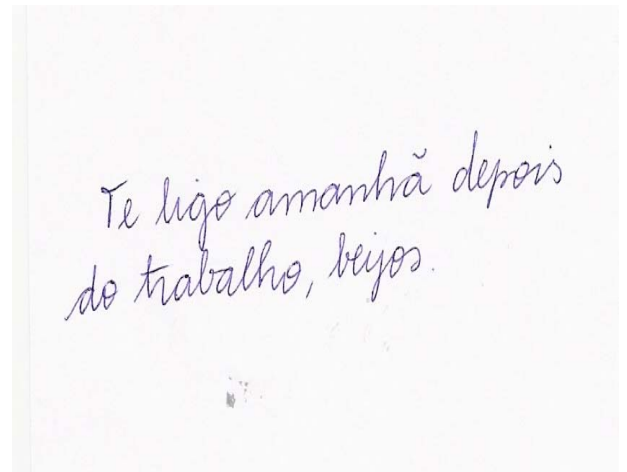
Na lapela a flor se fora há tempos, o chapéu pende a cabeça ao lado esquerdo, mas os olhos, esmagados por empurrões de dança, fumaças minhas e outras, vozes e luzes e som, felicitam a existência da auréola tão assim emurhecida. Passo por um soldado, uma coelha, duas colegiais enrolando a língua em canudos de plástico. Mais três ou quatro passos e posso tê-la; já percebo que me viu mesmo que por entre corpos. A hora certa a um aperto de mão cordial, perguntas sem grande importância, ou um beijo.

Revirei as prateleiras desorganizadas por ela há tempos, normalmente me acho, como todos, na própria bagunça, mas o turbilhão alheio em suas coisas torna-se facilmente um vendaval sem norte. Na gaveta inferior do guarda-roupas, a mesma que há tempos partiu-se entre

tampa e fundo no abrir , onde antes habitara meus chinelos e o tênis furado de futebol de salão em noites quentes na quadra do São José, agora reveste-se de calcinhas e meias chafurdadas numa exímia separação por cores. Noutra, onde colocava minhas cuecas, um sache verde claro perfuma camisetas de tecido simples brancas, beges, cinzas. Procuro, em verdade, minhas notas.

Péssimo viajar por alguns dias e deixá-la aos cuidados da casa.

Saches verdes perfumam camisetas (as mesmas que a delineavam o corpo), outras coisas mais ampliam sua presença em meu lado mesmo na ausência: uma foto na escrivaninha do escritório, nós abraçados em qualquer lugar; um batom na mesa de cabeceira; uma escova de dentes vermelha e branca ao lado da minha; um pequeno bilhete fixado no vão estreito entre o armário e o espelho do banheiro, caligrafia arredondada e rápida



Caminho descalço pela casa ainda à procura das anotações, na cozinha elas não estarão, mas algo que possa enganar a fome ou ao menos restringir a mínima irritação nos lábios que prenunciam um cigarro, talvez. Abro a geladeira e o frio me ilumina, nada a fazer: meia jarra

d'água, suco de caju lacrado, um naco de doce de leite em barra. As notas devem estar na escrivaninha como nunca, antes por cima do vídeo-cassete na sala, ou ao lado dos livros no guarda-roupas, como sempre. Sigo percorrendo os espaços (mastigando o doce de leite recém-descoberto; a forma confusa agarrando-me elasticamente aos dentes, um gosto sutilmente enjoativo me ressalta a validade), os cômodos. Experimento lembrá-la nos cheiros das camisetas e do batom, mas o sache inebria-me. Chego à escrivaninha e as notas ali estão, alinhadas e solitárias na única gaveta. Refestelo-me no sofá da sala frente à janela tentando decifrar minha letra na penumbra. O texto me incomoda não só pelo pouco sentido, também pelos grifos que a clamam, o título em minúsculas, a cor distinta das frases finais.

Amasso as notas ao fim da leitura dobrando-as, enfio-as no vão entre o braço esquerdo e o acento do sofá. Sobre o mesmo braço o cinzeiro de vidro, um cigarro de filtro amarelo e um isqueiro roxo: acendo-o. Trago-o à boca sofregamente não por agonia mas por embelezar-me os olhos o filtro já gasto: gosto das coisas pela metade. Esfumaço a vista vigiando o fícus ao outro lado da rua. Provável que ela não venha.

É estranho que minha mão esteja tão firme ao empurrar abaixo o alumínio frio da maçaneta da porta de entrada. Caminhei por muito tempo e sempre temendo encontrá-lo pela provável derradeira vez. Esclareço a sala com o olhar tentando contê-lo no apagar do cigarro, já chegou o tempo de encararmo-nos às claras.

“Não precisa apagar” (encosto-me com o corpo dolorido da caminhada. As pernas levemente abertas tentam recolher algo sempre exposto, como se postasse um cego à luz a fim de rasgar-lhe os olhos)

“Você não demora”

“Quando a gente chegou nesse ponto?”.

“Não sei” (ele curva os lábios como nunca para abocanhar o cigarro, um movimento que joga a cor de carne para trás e palpita-lhe o rosto, o que prevê novas tragadas) “Eu queria me desculpar mas não sei o que fiz”.

“A gente esquece então?”.

“E se nós lembrarmos depois?”.